



**Denise Pereira
(Organizadora)**

**Diversidades:
Diferentes,
não
Desiguais 2**

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 2 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-091-9

DOI 10.22533/at.ed.919190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO	
Francisca Maria da Silva Barbosa Iara Maria de Araújo Tatiane Bantim da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9191905021	
CAPÍTULO 2	14
DEL ESTIGMA AL SUJETX POLÍTICX: UNA ARQUEOLOGÍA DE LA MEMORIA HISTÓRICA TRANS SALVADOREÑA	
Amaral Arévalo	
DOI 10.22533/at.ed.9191905022	
CAPÍTULO 3	31
PRECISAMOS FALAR SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DO FILME AZUL É A COR MAIS QUENTE	
Glaucy de Sousa Santana	
DOI 10.22533/at.ed.9191905023	
CAPÍTULO 4	41
SAUDOSA AMÉLIA - A CRISE DA MASCULINIDADE FRENTE ÀS “MULHERES MODERNAS”	
Ingrit Machado Jeampietri de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.9191905024	
CAPÍTULO 5	54
RECORTES DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Ana Caroline Genésio Rodrigues Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9191905025	
CAPÍTULO 6	64
UM CHOPP PRA DISTRAIR: DISCURSO PUBLICITÁRIO E GÊNERO	
Anselmo Lima de Oliveira Alfrancio Ferreira Dias Simone Silveira Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.9191905026	
CAPÍTULO 7	73
TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS DE RAÇA E GÊNERO	
Júlia Castro John	
DOI 10.22533/at.ed.9191905027	
CAPÍTULO 8	80
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO DIREITO BRASILEIRO	
Anna Christina Freire Barbosa Walney Moraes Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.9191905028	

CAPÍTULO 9 91

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE O PÚBLICO LGBT COM A POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO CEARÁ EM LOCAIS HOMOAFETIVOS NA CAPITAL CEARENSE

David Sousa Garcês
Fábia Costa
Diêgo Matos Araújo Barros
Neila Fernanda Pereira de Souza Diniz
Valeska Denise Sousa Garcês

DOI 10.22533/at.ed.9191905029

CAPÍTULO 10 100

UNIVERSIDADE PÚBLICA E EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA UFAC

Fabiana Nogueira Chaves
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.91919050210

CAPÍTULO 11 116

A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA EM A PAIXÃO DE LIA, DE BETTY MILAN, E AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA

Giovanna de Araújo Leite

DOI 10.22533/at.ed.91919050211

CAPÍTULO 12 126

A INTERFACE DO SEMBLANTE E DA PULSÃO ESCÓPICA ATRAVÉS DO RELANCE DO RAPAZES ALEGRES EM QUEER EYE

Eider Madeiros
Hermano de França Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.91919050212

CAPÍTULO 13 138

A APROPRIAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA FICÇÃO COMO ARTIFÍCIO FIRMADOR DO DISCURSO MACHISTA

Raíssa Feitosa Soares
Emannuely Cabral de Figueiredo
Lissa Furtado Viana
Otávio Evangelista Cruz

DOI 10.22533/at.ed.91919050213

CAPÍTULO 14 147

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE

Aparecida Gomes Oliveira
Lídia Maria Nazaré Alves
Rhanielly Gomes Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.91919050214

CAPÍTULO 15	158
A INFLUÊNCIA QUE O CONSELHO DA MULHER EXERCE NO TOCANTE A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA	
Sara Regina Santos Oliveira David Sousa Garcês Fábia Costa Diêgo Matos Araújo Barros Valeska Denise Sousa Garcês	
DOI 10.22533/at.ed.91919050215	
CAPÍTULO 16	166
A CAPOEIRA ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	
Janayna Rocha Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.91919050216	
CAPÍTULO 17	180
A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA EM TERRA SONÂMBULA	
João Philippe Lima Daniela de Sousa Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.91919050217	
CAPÍTULO 18	190
AS REPERCUSSÕES DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PADRÃO DE SAÚDE-DOENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo Lucas Paoly de Araujo Moraes José João Araujo Neto Janice Alves Trajano	
DOI 10.22533/at.ed.91919050218	
CAPÍTULO 19	197
BRASIL: A ÁFRICA NA AMÉRICA DO SUL	
Jorge Yuri Souza Aquino Leite Rodrigues Lins Maria Eduarda Henrique Mascarenhas	
DOI 10.22533/at.ed.91919050219	
CAPÍTULO 20	205
BRUXA E ADÚLTERA (A GLORIOSA FAMÍLIA (1997), DO ANGOLANO PEPETELA)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.91919050220	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

PRECISAMOS FALAR SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DO FILME AZUL É A COR MAIS QUENTE

Glaucy de Sousa Santana

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande - PB

RESUMO: A pesquisa analisa de que maneira o filme Azul é a Cor Mais Quente representa o lesbianismo, buscando entender como o enredo realiza esse tipo de abordagem. Para fundamentar as ideias discutidas, são utilizadas obras de Louro (2008), Bardin (2009) e Butler (2002). É um estudo qualitativo que utiliza a Análise de Conteúdo como estratégia metodológica. Os resultados mais significativos apontam que o enredo traz pontos positivos, contudo representa o casal de forma heteronormativa e a figura da mulher é fetichizada.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade; Lésbica; Azul é a Cor Mais Quente;

ABSTRACT: The research examines how the film Azul is the Hottest Color represents lesbianism, trying to understand how the plot carries out this type of approach. In order to base the ideas discussed, works of Louro (2008), Bardin (2009) and Butler (2002) are used. It is a qualitative study that uses Content Analysis as a methodological strategy. The most significant results indicate that the plot has positive points,

however it represents in a heteronormative way and the figure of the woman as object of fetish.

KEYWORDS: Representativeness; Lesbian; Blue is the hottest color;

INTRODUÇÃO

Esse estudo discute como o cinema aborda a temática da homossexualidade feminina em seus filmes, questionando, como é feita a representação das lésbicas no cinema americano, tendo em vista à existência de um conjunto de estereótipos vinculados a imagem das mulheres lésbicas que, a depender da forma hegemônica dessa representação, podem estar sendo reforçados.

A diversidade sexual e a identidade de gênero são temas bastante recorrentes em nosso cotidiano explorados não só na sociedade como também pela mídia, cinema, internet e outros meios de comunicação em massa. Apesar do preconceito ainda existir de forma enraizada - provavelmente por ser uma categoria que se difere bastante do padrão heteronormatividade - percebemos uma melhoria no cenário atual, dando visibilidade a essas minorias que anteriormente eram negadas pelas mídias sociais dessa ordem.

Sabemos que há diversos tipos de representações da homossexual feminina,

porém geralmente elas se repetem, no geral basicamente se dividem em três, a lésbica mais masculina conhecida americanamente como *dyke*, aqui no Brasil como caminhoneira ou bofinho, que faz trabalhos voltados para o gênero masculino, que exijam mais de força, seu vestuário e estilo também é masculinizada, a lésbica com trejeitos e vestuário bem femininos que facilmente se passa por heterossexual na sociedade, e na maioria das vezes representa um papel de fetiche para os homens, e a lésbica que é a mistura dessas duas, a meio termo que nem é tão masculina nem feminina, seu estilo se enquadra nos dois gêneros.

Pensando nisso, resolvi estudar como o filme *Azul é a Cor Mais Quente*, do diretor e roteirista Abdellatif Kechiche, discute a temática da descoberta da homossexualidade, como é dada a representação da figura da mulher lésbica, como é exibido um casal lésbico e o que esse tipo de representação acarreta no cotidiano das lésbicas.

A escolha da temática ocorreu por conta da escassez de estudos nessa área e por ser um conteúdo bastante recorrente atualmente na mídia. Percebemos a presença do conteúdo em diversos tipos de mídia televisivo, como programa de entretenimento, reality shows, programas de cunho jornalístico, teledramaturgias e o cinema que pode ser definido como uma técnica de reproduzir uma sequência de imagens com movimento e sons sincronizados de forma que conte uma história, técnica essa criada pelos irmãos Lumière no final do século XIX e desde então o cinema é considerado uma arte e um fenômeno social.

A pesquisa será qualitativa, como estratégia de pesquisa iremos trabalhar com a Análise de Conteúdo que para Bardin (2009) se caracteriza como um método que engloba um conjunto de técnicas de análises das comunicações e utiliza procedimentos dinâmicos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. “Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51). Utilizaremos a estratégia de Análise de categorial que “Funciona por desdobramentos do texto em unidades, em categorias segundo agrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização encontra-se a análise temática, bastante rápida e eficaz.” (DUARTE; BARROS, P. 301).

O estudo é de interesse social, pois é primordial debater os novos gêneros que vem surgindo no cotidiano, e acima de tudo, desvincular homossexuais da visão estereotipada que de forma discriminatória e preconceituosa que a sociedade os atribui.

CONTEXTO HISTÓRICO: CINEMA, HOMOSSEXUALIDADE E O LESBIANISMO

O cinema pode ser definido como uma técnica ou uma arte que consiste em fixar e reproduzir imagens que suscitam impressão de movimento, a mesmo conceito serve para a indústria que produz estas imagens, mais até chegar num instrumento que mostra o que o cinema é em si atualmente, foram diversas tentativas entre erros e acertos. O cinematógrafo dos irmãos Lumière que fez o cinema se tornar o que é

hoje. Ele causou uma revolução grande no mundo antigamente, as pessoas ficavam assustadas, a população não compreendia como isso era feito, como era possível reproduzir tais imagens tão semelhantes com a realidade.

O filme pioneiro dos Irmãos Auguste e Louis ocorreu em 22 de março de 1895. A obra era chamada A saída da Fábrica Lumière em Lyon e em seu enredo trazia o registro da saída dos funcionários do interior da empresa na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, teatralizadas, como afirma Edgar Morin na obra “O Cinema, ou o homem imaginário”:

Mas, por sua própria natureza, e desde o seu aparecimento, o cinematógrafo era essencialmente espetáculo: ele exibia suas cenas a espectadores, para espectadores, e implicava assim a teatralidade que ele desenvolveria em seguida através da direção, da mise-en-scène. De resto, os primeiros filmes do cinetoscópio já apresentavam lutas de boxe, atrações de music-hall e pequenas cenas. O próprio cinematógrafo, desde seu primeiro dia, já mostrava o homem que regava as plantas sendo regado pela mangueira. A espetacularidade cênica aparece assim ao mesmo tempo em que o cinematógrafo. (MORIN,2014 p. 69-70).

A representação do personagem homossexual no cinema se iniciou em 1895, Thomas Edison já produzia um filme experimental chamado “The Gay Brothers”, no qual homens dançavam ao som de um violinista. Já o primeiro beijo entre dois homens só foi registrado em 1927 no filme “Wings”, primeiro vencedor na história de um Oscar de Melhor Filme. Porém a representação era generalizada e voltada especificamente para a comédia, os personagens tinham um estereótipo bastante caricato.

Uma das autoras pioneiras no cinema independente americano foi Barbara Hammer, lésbica assumida e em seus enredos tinham conteúdos sobre lésbicas e sobre as mulheres, ela iniciou sua carreira acadêmica no cinema da San Francisco, por volta de 1960, atualmente está com 77 anos e é reconhecida por sua arte dedicada as mulheres além de abordar a temática lésbica.

O seu primeiro filme a retratar sobre a temática foi *Dyketatics* de 1974 um curta metragem de apenas quatro minutos que consistia na história de quatro mulheres nuas num campo que se envolviam entre si, e toda essa simples representação que Barbara fez em seu curta abriu um caminho para diversas outras abordagens do lesbianismo nas telonas. Se tornando uma obra de arte boa, capaz de mudar um pouco o pensamento das pessoas a respeito de algo como explica Groys :

a arte pode capturar a imaginação e mudar a consciência das pessoas. Se a consciência das pessoas se transforma, então as pessoas transformadas vão também transformar o mundo onde vivem. Aqui a arte é entendida como uma espécie de linguagem que permite aos artistas enviarem uma mensagem. Porém, para poder enviar uma mensagem, o artista tem que compartilhar a linguagem que seu público fala. (Groys, 2016)

A homossexualidade surgiu desde pré-história ao contrário do que muitas pessoas pensam, a única diferença é que atualmente o tema ganhou mais visibilidade, sendo tratado diariamente nas mídias comunicativas como também nas plataformas digitais. Há registros da prática homossexual em vários povos. Em Atenas, 3.000-1.400 a.c, por exemplo, as crianças do sexo masculino eram educadas através da prática homossexual pelos chamados mentores, homens mais velhos que iniciavam a vida sexual do menino.

A prática ocorria da seguinte forma, todos os meninos de Atenas após completarem seus 12 anos eram orientados por seus familiares a procurarem por um adulto para que o mesmo repasse seus conhecimentos sobre a vida e até os 18 anos esses meninos praticavam sexo passivo com o mentor. Após a maior idade o menino tornava-se mentor de outra criança sendo apenas ativo e só depois disso que lhe era concedido o poder de se casar. Toda a prática ocorria com a autorização da família e fazia parte da cultura da capital. No Brasil as primeiras aparições da homossexualidade, partiu de tribos indígenas que a realizavam com o intuito de repassar conhecimentos, outro fator que influenciava essa prática era a falta de mulheres na tribo. De acordo com Foucault (1999) os gregos não se opunham ao relacionamento entre pessoas ou entre pessoas do mesmo sexo. A repressão e o preconceito não eram direcionados aos homossexuais, heterossexuais ou bissexuais e sim caía em cima dos ombros daqueles que se deixavam ser dominados na relação.

Em 1700, quando a igreja e o estado se juntaram ambos decidiram excluir a homossexualidade da normalidade e estabeleceu como padrão extremamente conservador a heterossexualidade, e assim toda e qualquer prática sexual ou de amor que se diferenciava disto era visto como algo errado e dessa forma era punida.

O termo homossexual foi utilizado pela primeira vez em meados de 1869 a 1870, pelo médico Karoly Benkert, que foi o primeiro a debater e escrever sobre o relacionamento afetivo entre os sexos iguais. Para contribuir com a discussão do tema recorremos a Taques (2007) que afirma que o termo homossexual poderia ser utilizado para enquadrar toda a diversidade da homossexualidade, porém não era muito comum ainda naquela época, já que alguns sujeitos ainda tinham certa dificuldade em se considerarem homossexuais, devido a carga de preconceito que existe até hoje. (Taques,2007).

Já os primeiros registros escritos a respeito do amor entre mulheres ocorreram na Grécia antiga a cerca de 600 a.c. A principal imagem da histórica lesbiana é Safo, originaria da ilha de lesbos. Ela ficou conhecida por ter composto poemas em que externava uma atração por outras mulheres.

No Brasil o movimento lésbico começou a ter mais visibilidade em 1979, com o grupo Somos em São Paulo. Já na década de 90 como movimento político as mulheres lésbicas se organizam em grupos e começam a atuar em fóruns e partidos políticos, os grupos de lésbicas aqui no Brasil vão conquistando seu espaço e se multiplicando.

SEXO BIOLÓGICO, GÊNERO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Antes de dar início a nossa análise, é necessário discutir sobre sexo biológico, gênero e identidade de gênero, termos que atualmente são vistos como sinônimos, porém, apesar de existir uma pequena relação entre os três, há distinções significativas. O sexo biológico como o próprio nome já diz, refere-se a uma condição biológica e está ligada diretamente ao aparelho genital da pessoa, que pode ser caracterizado como feminino ou masculino.

O sexo é biológico, e por fazer parte do corpo orgânico, também atua na construção das identidades (GIFFIN, 1991). Nessa compreensão a respeito da definição do Sexo Biológico, segundo Arán (2006) independente do órgão reprodutivo que uma pessoa nasça e que automaticamente esteja configurada a seguir um caminho tradicional, esse órgão não vai definir necessariamente a sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Já o termo gênero é atrelado às características biológicas, mas existe uma ênfase nesse aspecto e algumas vezes desconsideram a construção histórica e social produzida a respeito dessas características. Como afirma, Robert Connel (1995, p 189), "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". Ou seja, o conceito refere-se a forma como as peculiaridades sexuais são entendidas e representadas.

O conceito de gênero vai além da associação ao aparelho genital, existem outros fatores como a questão cultural, os valores familiares, a política social de cada região, personalidade. Além do mais, o gênero pode ser classificado como masculino, feminino, transgênero, androgenia e o não binário. Para complementar nossa visão sobre gênero, concordamos com o conceito de gênero de Joan Scott, que o entende como "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, p.14).

Definido os conceitos de sexo biológico e gênero, iremos discutir agora o termo identidade, que Simone de Beauvoir (1967, p. 9) destaca de maneira clara em suas abordagens a respeito das relações de gênero: "não se nasce mulher: torna-se mulher". Em outras palavras, a autora quer dizer que não nascemos homens ou mulheres, nós construímos nosso gênero ao longo de nossa formação de acordo com a construção da nossa identidade e as relações sociais.

Desse modo, ao longo de nossa formação identitária, nós vamos nos identificando com diversos aspectos, no qual a sociedade designa tal como feminino ou masculino, desse modo de acordo com a maioria de nossas preferências nos tornamos homens ou mulheres ou não binário, pessoa que não se vê nem como nenhum dos gêneros anteriores citados, está entre eles ou além de além ou uma combinação dos dois, remetendo a androgenia. Concordamos com a autora Guacira Lopes Louro que em seu livro "Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista" traz um conceito importante acerca do conceito de identidade.

E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (LOURO, 1997, p. 24).

Antigamente a identidade era visto como algo fixo e geralmente herdávamos ela de berço, ou seja, eram os pais responsáveis por construir a personalidade de seus filhos, repassando seus valores e crenças, assim, se uma determinada família fosse adepta da religião espírita todos os seus deveriam ser espíritas também e assim sucessivamente até o fim da geração. Porém, sabemos que atualmente, com a pós modernidade, tudo é muito fluido e existe uma liquidez na formação de identitária.

Como afirma Bauman (2001), ele ressalta que a modernidade fez com que a identidade de cada ser se tornasse líquida, que se desfaz e se refaz em vários momentos, devido às transformações nas instituições pedagógicas como também pelo surgimento dos diversos dispositivos midiáticos (TV, rádio, cinema, teatro, telenovelas), que trazem assuntos polêmicos que estão presentes no cotidiano e que são pouco debatidos pela sociedade.

O mesmo ocorre com a construção de identidade de gênero, estávamos acostumados a sempre relacionar o gênero ao sexo que fomos designados a nascer, mas nem sempre nos identificamos com ele, em tempos pós-modernos, escolhemos quem queremos ser, o que queremos seguir, se vamos nos casar ou não, se ingressaremos numa faculdade. Portanto, temos mais liberdade de escolha, temos a capacidade de refletir, de criticar e ao fazer uma análise decidir com o que concordamos ou não, e se discordamos criamos nossa própria identidade (BAUMAN, 2001).

Assim se faz necessário pensar nas diferentes formas de ser e de se relacionar na sociedade, as ideias sobre gênero e sexualidade já estão meio que programadas em nossa sociedade e a respeito dessa abordagem Louro nos faz uma crítica interessante:

Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem (LOURO, 2008, p. 22).

Entendemos que a sociedade se constitui por meio de uma construção sócio histórica, de base conservadora e que já tem adotada uma identidade como referência como também um padrão de relação afetiva o heteronormativo, baseado na heterossexualidade e portanto existem diversas regras que devem ser cumpridas para que uma pessoa possa ser vista como “normal” pela sociedade e qualquer pessoa que não se enquadre dentro desse modelo é tachada como “anormal” e quase sempre

vítima de preconceitos e ridicularizada.

Já a orientação sexual e não opção sexual, diz respeito ao desejo da pessoa no sentido afetivo, amoroso e sexual. Como por exemplo, os homossexuais que sentem atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo, os heterossexuais: sentem atração afetiva e sexual por pessoas de sexo diferentes. Assim uma pessoa que não se identifica com o gênero que nasceu e faz uma transição se tornando um transgênero não quer dizer que essa pessoa necessariamente irá se tornar um heterossexual já que apesar da relação entre os termos há distinções entre eles.

ANÁLISE AZUL É A COR MAIS QUENTE

Azul é a Cor Mais Quente tem direção de Abdellatif Kechiche, é uma obra francesa baseada no romance gráfico de Julie Maroh, *Le bleu est une couleur chaude*, uma história em quadrinho publicada em março de 2010, a versão brasileira intitulada de *Azul é a Cor Mais Quente* só veio ser publicada no ano de 2013 e ao contrário do livro o filme foca mais no romance das duas jovens Emma e Adèle.

Ao contrário do que muitos pensam o longa não é sobre lésbicas, não apenas sobre isso, na verdade, o enredo aborda a temática da passagem da adolescência para a vida adulta através da personagem Adèle, (Adèle Exarchopoulos) uma garota de apenas 15 anos no qual sua rotina se resume em estudar e dar aulas de francês para crianças.

Sabemos que a fase da adolescência é muito complicada e cheia de descobertas e o enredo do filme nos deixa aprofundar nos dilemas da personagem, como por exemplo, no momento que ela se envolve com um Jeremie (Thomas), um rapaz da escola, no qual suas amigas o julgam como o bonitão do colégio e afirmam que o mesmo tem interesse em na protagonista, e como acontece muitas vezes na vida real, Adèle influenciada pelas amigas tem um relacionamento rápido com o rapaz, porém a mesma chega a terminar com ele, pois para ela era como se estivesse fingindo, não a completava, não se sentia bem com ele.

Adèle demonstrava estar confusa a respeito de sua sexualidade e não conseguia desabafar com suas amigas da escola que sempre demonstravam certo repúdio ao assunto e sempre a incentivava a se interessar por homens, uma das poucas pessoas que lhe acolheu foi o seu amigo Valentin (Sandor Funtek) que já mostrava entender bem a sua sexualidade e era homossexual, aparentemente todos sabiam na escola, mas isso não fica muito claro, o mesmo mostra não ter problemas com o assunto e ajuda a garota a se encontrar, conversando e até mesmo levando a mesma a um bar gay, nesse momento com as cenas percebemos que Adèle fica um pouco desconfortável a mesma deixa o local e acaba entrando em um bar lésbico no qual tem a oportunidade de conhecer Emma (Léa Seydoux).

Emma é uma artista plástica, mais velha que Adèle, já está na faculdade, é estudante de Belas Artes e é bem resolvida com sua orientação sexual, é lésbica

assumida, sua família apoia e não demonstra ter problemas com o assunto, apesar de Emma manter um relacionamento com Sabine (Aurelie Lemanceau), protagonista desperta um grande interesse em Emma. E com o passar do tempo as duas vão se conhecendo mais até que Emma decide terminar seu relacionamento com Sabine e Adèle que até então só havia tido uma experiência com outra mulher no qual se resume em uns beijos se apaixona cada dia mais por Emma e as duas engatam num relacionamento muito intenso.

No decorrer do filme nos aprofundamos no cotidiano das personagens Adèle e Emma como um casal, e nos envolvemos tanto que praticamente conseguimos nos enxergar dentro do filme convivendo junto com as personagens, o que é um aspecto muito positivo, nos deparamos com o primeiro encontro de Adèle com a família de Emma, no qual a mesma foi bem tratada e pode se sentir confortável, o que não podemos dizer o mesmo do encontro de Emma com a família de Adèle no qual a mesma foi apresentada apenas como uma amiga e os pais da garota se mostraram conservadores, e fizeram perguntas desconfortáveis a respeito de namorado e críticas disfarçadas a respeito de sua carreira como artista.

Também temos oportunidade de conhecer a intimidade do casal, no qual são expostas diversas cenas de sexo quase que explícito e que chegam a durar bastante tempo, algo que não vemos em outros filmes do gênero e foi um dos pontos que gerou polêmica tanto para os telespectadores como para os cineastas e pesquisadores do gênero. Além de traição, separação e despedidas que é o desfecho do filme.

Após o resumo da obra vamos a análise, percebemos que as personagens principais são muito estereotipadas a Emma é bem masculina, cabelos curtos e na primeira parte do filme tem ele pintado de azuis que já nos remete aquela pessoa que quer se diferenciar se destacar no meio das outras, suas roupas são calças jeans, camisetas xadrez um figurino com peças femininas porém com um toque masculinizado. A maneira como ela se porta também nos dirige aos homens, é uma mulher com mais atitude, aquela que trabalha fora e não faz afazeres domésticos e quer ser sempre o centro das atenções.

Já a protagonista é uma garota um pouco vaidosa, com cabelos longos, seu figurino é bem feminino, usa vestidos, saltos calças mais justas, ela é mais delicada, sua profissão é típica do gênero feminino professora, ela quem faz os afazeres domésticos e quem cuida da casa e da companheira enquanto ela só se preocupa com o trabalho e com os seus problemas e ainda percebemos também em alguns momentos da fala de Emma certa crítica aos desejos de carreira de Adèle como se ela fosse muito superior a garota. Toda essa representação das personagens nos remete a representação dos casais homoafetivos ao formato da heteronormatividade que segundo Pino (2007) se define por se o “enquadramento de todas as relações mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo” (PINO, 2007, p. 160).

De acordo com Butler (2002), uma das pioneiras da teoria Queer, a heteronormatividade representada nas obras é uma forma homofóbica e preconceituosa de se representar a temática, sabemos que cada um tem sua própria identidade e que por mais que se diferencie da maioria não é se assemelhando ao heterossexual vai ser melhor aceito. O preconceito é fruto da ignorância da falta de conhecimento, quanto mais a realidade for desconhecida maior será o preconceito para com os diferentes.

Outra cena que podemos ver bem claramente a heteronormatividade é quando Emma e Adèle já estão morando juntas, sua parceira resolve dar uma festa para sua namorada, no qual ela prepara todas as comidas da festa serve todos os convidados enquanto Emma conversa com seus amigos e deixa sua companheira de lado, como se ela fosse uma espécie de acessório, o enredo deixa claro que nossa protagonista se sente totalmente desconfortável e no fim da festa Adèle ainda lava toda a louça suja de todos os convidados, ou seja, além de representar o casal lésbico de forma heteronormativa ainda mostra de forma muito machista, só que agora não é mais a figura da mulher dominada pelo homem biologicamente e sim a figura da mulher dominada por outra mulher.

Adèle também é mostrada de forma mais sexy e feminina, percebemos certa fetichização em cima dela termo que se refere a atribuição simbólica de pessoas ou objetos alguns poderes mágicos ou sobrenaturais, mais que na realidade são as atribuições a coisas, pessoas ou partes do corpo que despertem desejo ou libido em outras pessoas e isso fica evidente em diversas cenas da nossa protagonista, como por exemplo as repetidas vezes em que é dado closes em sua boca, as repetidas vezes em que aparece nua. Um cena que gerou bastante polêmica foi a cena de sexo do casal lésbico que dura um pouco mais de sete minutos apesar de ser um ponto positivo por a maioria das outras obras não exibirem esse tipo de intimidade entre um casal homoafetivo, porém é preciso analisar como esse sexo foi representado, percebemos que foi feito a partir do olhar de um homem heterossexual para outro homem heterossexual, já que a realidade lésbica é muito diferente do que foi mostrado e infelizmente a trama acabou chamando mais atenção pelas cenas de sexo lésbico e pela fetichização do que pelo próprio enredo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo conseguimos entender a importância de não apenas dar visibilidade a temática lésbica mais em como representar esse conteúdo, sabemos que todas as produções, seja ela de qualquer tipo de mídia, têm um impacto enorme na sociedade. Então, se faz necessário pensar em como o telespectador vai absorver esse tipo de representação, em como isso vai afetar a vida de cada um. Como por exemplo, se todos os filmes lésbicos seguirem esse padrão heteronormativo, como uma garota lésbica, que tem um estilo meio que misturado, um pouco feminino e masculino, que busca independência, mas ao mesmo tempo quer ser mãe e gosta de

cuidar da casa vai se identificar com alguém da televisão? Ou se em todos os enredos que abordam a temática resolverem matar os personagens lésbicos quer dizer que esse vai ser o final de toda lésbica?

Conhecemos um pouco mais sobre a história do cinema que foi criado pelos inventado pelos irmãos Luimièrre, no fim do século XIX, em 1895 na França. Além também da história da homossexualidade no mundo e aqui no Brasil e do lesbianismo e entendemos as diferenças entre as questões relacionadas a gênero. A partir da pesquisa, conseguimos atingir os objetivos a que nos propomos e também respondemos à problemática apresentada inicialmente, através de um referencial teórico que nos ajudou a compreender a complexidade do tema.

Quando se trata da homossexualidade dentro das tramas, pouco percebemos a superação do preconceito. Através da análise percebemos que estamos caminhando no sentido de visibilidade, mas que ainda temos que trabalhar muito na questão de representação, e nos desprender desse padrão heteronormativo, até por que o público só vai começar a aceitar quando forem apresentados a essa outra forma de vivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero**. Ágora, Rio de Janeiro – RJ. v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, M. **Historia da sexualidade- vol. I: A vontade do saber**. 13ª.Ed. Rio de Janeiro: Graal.,1999 (obra original publicada 3em 1984)..

GIFFIN, K. M. **Nosso Corpo nos Pertence: a dialética do biológico e do social**. Cadernos de saúde pública, RJ. v. 7, n. 2, p. 190-200, abr/jun, 1991.

GROYS, Boris. The truthof art. e-flux, New York, journal n. 71, mar. 2016. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/71/60513/the-truth-of-art/> .Acesso em: janeiro 2018.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas - SP, v. 19, n. 02, p. 17-23, mai./ago. 2008.

MORIN, Edgar. **O cinema, ou O Homem Imaginário – Ensaio de Antropologia Sociológica**. (trad. Luciano Loprete). São Paulo: É Realizações, 2014. p. 69-70

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos**. Cadernos Pagu, v. 28, p. 149-174, jan./jun, 2007.

TAQUES, F. J. **Movimento GLBT: considerações necessárias**. Ciências Sociais Unisinos, v. 43, n. 2, p. 144-148, maio/ago. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-091-9

